

## **Título: A contribuição do *rap* “Você é você”, do Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência, como proposta de ordenação da *hybris* no compasso do jovem contemporâneo**

Renata Câmara Spinelli<sup>1</sup>

### **Apresentação**

As subjetividades jovens têm revelado, através de seus comportamentos na escola e em sala de aula, principalmente na educação pública, o seu estado lábil adolescente; acabam por revelar a grande distância que parece haver na comunicação entre o professor e o aluno e entre o método de ensino e conteúdo ensinado e sua possibilidade e vontade de apreensão; apresentam a dificuldade de aceitarem e se adequarem aos moldes institucionais estabelecidos para eles; desconfiança da escola diante da falta de perspectiva profissional e de mudança de vida; das discrepâncias entre o que é apresentado pelo professor e pelos pais como valores e caminhos possíveis para si; da descrença naquilo que a escola lhes oferece como lhes proporcionando uma mudança de vida; e, principalmente, como estes jovens estão implodindo e explodindo já que parecem ser os principais depositários das idiossincrasias econômicas e sociais a que está sujeita a sociedade. Segundo Pais, os jovens agem “como se fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios. [...] tendem a tudo relativizar: desde o valor dos diplomas até a segurança de emprego.” (2006, p.9)

Poderíamos chamar esta lista de desencontros de crise na educação, nas instituições e nos atores, de todas as ordens, mas neste trabalho gostaria que pudéssemos entrever alguns aspectos da *hybris*<sup>2</sup> jovem partindo de uma reflexão sobre o rap quilombola “Você é Você” para compreendermos aspectos das subjetividades jovens. Entretanto, a intenção aqui não é de psicologizar a sala de aula, o aluno e a escola. Podemos entender em Souza (2012), que a compreensão equivocada da psicanálise até contribuiu para este estado de coisas – esta dificuldade da escola e do professor se situarem e acabarem convergindo a si as maiores contradições da sociedade:

---

<sup>1</sup> FEUSP, psicóloga e mestranda na linha de pesquisa Psicologia e Educação, especialista em Psicologia Clínica – Psicanálise, aperfeiçoamento e graduação em Psicologia pela PUC-SP. Sob orientação de Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. E-mail: [renata-spinelli@usp.br](mailto:renata-spinelli@usp.br). Bolsista CAPES. Abril/2014

<sup>2</sup> Entendemos a *hybris* como o excesso, o descomedimento, a característica fundamental do herói trágico no desafio aos deuses.

A escola, portanto, foi identificada com uma instituição de guarda e domesticação da criança, mediante o exercício de uma função “adaptativa” ao social. Educação e repressão tornaram-se, assim, palavras praticamente sinônimas. Identificando a educação com processos inerentes ao superego, a psicanálise posicionava-se, então, na contramão da prática educativa: enquanto o tratamento analítico libertava, pois levantava a barra do recalco, dizia-se que a educação aprisionava, pois trabalhava exatamente a favor do recalco. (2012, p.53)

Segundo Pais (2006), “o que estas culturas juvenis reclamam é inclusão, pertencimento, reconhecimento” (p.14). No momento do jovem se debruçar em seu esforço para a conquista de uma meta para a construção de sua vida adulta, o esforço de construção se solapa já que bem introjetadas as faltas de perspectivas.

Assim, como estaria, então, se apresentando a subjetividade jovem? Mezan (2002) caracteriza as subjetividades a partir de dois sentidos: “como *experiência de si e condensação de uma série de determinações*” (p. 258). O termo pode “ser empregado como *sujeito a*, enfatizando os aspectos de dependência, passividade ou até constrangimento”, ou “à sua aplicação oposta, que acentua os aspectos de liberdade, ação, iniciativa.” (p.259)

Assim, podemos dizer que o sujeito se encontra no cruzamento de várias linhas de força, algumas das quais ele determina, enquanto outras o determinam [...] a subjetividade é resultado de processos que começam antes dela e vão além dela, processos que podem ser biológicos, psíquicos, sociais, culturais.” (p.259)

Mezan (2002) distingue três planos para a subjetividade:

o singular, o universal e o particular. O singular é aquilo que é único, pessoal, intransferível [...], o universal é aquilo que compartilhamos com todos os demais humanos: a linguagem, a capacidade de inventar, as necessidades básicas, o fato de sermos mortais e sexuados, de podermos amar e odiar, etc. [...]. Entre o que é especificamente meu e o que comparto com todos os demais humanos, existe a região do particular, isto é, do próprio a alguns mas não a todos. É precisamente nesse plano intermediário que cabe falar em “subjetividades”, no plural, já que nos outros dois só se aplica o singular. (p.259)

Compreendemos, portanto, que se pensarmos a escola na construção do singular ou do universal, estaremos incorrendo no engano de não contemplar as questões locais. É no contexto particular que propomos pensar as subjetividades, onde entendemos que está situada a noção de identidade e, principalmente, da identidade negra, que compõe a maior parte da população e da cultura historicamente negada no Brasil e que, hoje, solicita ser reconhecida em suas expressões, principalmente nas versões da cultura jovem – o rap, por exemplo.

Procuramos, assim, pensar neste artigo três níveis de subjetividades, compreendidas como facetas do plano intermediário das particularidades: 1) a subjetividade jovem, marcada

pelo período de metamorfose impulsionado pela puberdade; 2) a subjetividade negra, marcada pelo histórico de negação, exclusão, preconceito e racismo; e a 3) subjetividade cultural, que pode permitir a integração da fluidez e fragmentação jovem, além do alívio de sua angústia, na medida em que propõe ao jovem alguma ordenação a partir de um *ethos* (lugar) de grande sintonia às produções multiculturais, onde expressões musicais, dramáticas e corporais (danças) se apresentam como práticas externalizadas de um trabalho de elaboração que se processa internamente, relaxando a pressão implícita sobre seu modo futuro de ser adulto, ao que deve responder. É este estado de “pertencimento”, diríamos, que conflui suas inconformidades e agressividades nas artes e expressões corporais, que entendemos como um período de latência ritualizado para a reorganização de suas perspectivas futuras quanto ao modo de ser adulto.

Assim, neste contexto, em que situação se encontra o professor? O professor, entretanto, não é psicólogo. Nem é de sua responsabilidade dar conta de todas estas demandas que se manifestam para ele e na relação com ele, apesar de que sua compreensão de formas de lidar com esta *hybris* poderá lhe adoecer menos em sala de aula ou, pelo menos, ajudá-lo a determinar o seu campo de ação. Psicanaliticamente, tratar sobre os excessos, revelar e pensar sobre eles é um modo de dar-lhes tamanho, definir e redefinir novas éticas, fazer com que emoções concentradas em comportamentos atuadores ganhem palavras.

Souza (2012) revela, assim, a situação no contexto escolar

As ideias difundidas pelas escolas alternativas alargaram, para o aluno, aparentemente, o campo expressivo da subjetividade. Mas a partir dos anos 80 se multiplicaram os dispositivos da regulação da conduta. Não mais feito de repressão, da proibição, como se pensava, mas, nos termos de Foucault, na propagação dos códigos simbólicos que operam sobre o comportamento humano. Códigos que se multiplicaram de tal maneira e em tal profusão que acabaram por perder sua eficácia simbólica.

Nessa sociedade em que todos são convidados a se portarem como adolescentes, onde ser jovem e manter a espontaneidade e o egoísmo infantil tornou-se um imperativo categórico, resta ao educador a sina de assumir o papel de único adulto de plantão – medíocre, anacrônico –, vigiado por psicanalistas e psicólogos, todos prontos a apontar abusos arbitrários e sinais de despotismo. (2012, p.51)

Tomando como exemplo um modo de estar típico do jovem tomado pela *hybris* de exhibir-se diferente do que é e de suas condições, conforme encontraremos na canção “Você é Você” do Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência, procuramos apresentar a interpretação da canção como caminho para uma interpretação da poesia que, seja em aulas de linguagem, literatura ou história, tendo por fundamento o multiculturalismo crítico, pode ajudar o professor a se aproximar da frequência jovem – no

caso aqui, através de um rap. Entendemos que o descomedimento jovem pode contar com alguma interpretação de seu comportamento através da leitura de sua própria arte para ajudá-lo a situar as balizas de suas ações. O próprio grupo reflete, assim, sobre diferentes questões, morais e éticas inclusas, a partir da fala de seu próprio grupo jovem - já que do adulto ele quer distância -, com a contribuição da proposta do multiculturalismo crítico.

### **Sobre o Quilombo do Campinho da Independência, o Grupo Realidade Negra e o Rap**

O Quilombo do Campinho da Independência<sup>3</sup> está localizado a aproximadamente 10 quilômetros da cidade de Paraty, no Rio de Janeiro. Constitui-se como um quilombo com características rurais e turísticas; realizam visitas programadas que fazem com que os moradores se organizem para apresentações de jongo, contação de histórias pelos griots (conhecidos contadores de histórias do povo, na África e entre os quilombolas, no Brasil), visita à roça, venda de artesanato.

Os jovens rappers do Grupo Realidade Negra<sup>4</sup>, moradores deste Quilombo, são sujeitos e parceiros de uma pesquisa de campo em desenvolvimento a partir de projeto oferecido à linha temática Psicologia e Educação, à Faculdade de Educação da USP – FEUSP, desde abril de 2012. Procurando concentrar a investigação na cultura jovem, o projeto: “Pegadas traçadas, pegadas mal-traçadas, novas pegadas: os rituais de passagem dos jovens rappers do Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência” procura inicialmente fazer uma reflexão sobre os rituais de passagem na dimensão psicanalítica, quando entendemos que marcas ancestrais em suas músicas são observadas como pegadas, realizando uma estética de ritual de passagem que possa dar suporte ao momento jovem de “reedição edípica” (FERRARI, 1996) ou “desorganização temporária” (JEAMMET, 2006), servindo, então, de sustentação durante a inevitável metamorfose e o período de transição de sua subjetividade do estado infantil ao adulto.

Atualmente a banda possui 8 (oito) componentes: Mano Romero, Nelhão, Negro Naldo, B2, Daw, Rafael, AKS e Fabio, entre 23 e 35 anos de idade. O grupo expõe suas opiniões com muita propriedade nos diferentes campos, mas principalmente no que se refere à organização social do quilombo, nas lutas em prol de sua comunidade, suas

---

<sup>3</sup> Documentário sobre o Quilombo e sua história, narrado por alguns membros do grupo Realidade Negra e com trilha sonora de suas músicas, disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=N\\_Kkc44LAmM](http://www.youtube.com/watch?v=N_Kkc44LAmM)[http://www.youtube.com/watch?v=N\\_Kkc44LAmM](http://www.youtube.com/watch?v=N_Kkc44LAmM). Acesso em 08 Fev, 2014. (aprox. 11 minutos)

<sup>4</sup> Documentário sobre o Grupo Realidade Negra e o quilombo disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=MuiHB\\_4nZDU](http://www.youtube.com/watch?v=MuiHB_4nZDU). Acesso em 08 Fev, 2014. (aprox. 27 minutos)

considerações políticas. Entendemos os modos de se organizarem em torno do rap como estratégia de reconhecimento social, étnico e de mudança de vida. A análise das canções de seu CD “É prus guerreiro a missão”, gravado em 2009, tem constituído parte da pesquisa. Não podemos deixar de observar que estes jovens rappers quilombolas encontram-se em um quilombo do século 21, com características rurais e turísticas, realizando uma forte luta de afirmação de sua identidade negra, de rapper, de quilombola e de valorização de sua comunidade. Ainda, que buscam a afirmação de sua sabedoria através do que expressam em seu rap, e solicitam “mais cultura” porque compreendem o caminho social da educação para conquistas materiais e simbólicas.

A partir das diferentes compreensões de subjetividades buscamos entender o que se encontra amalgamado em seu rap. Compreendemos que se encontram condensadas, nas manifestações artístico-culturais dos jovens – no caso aqui, musicais, destes rappers –, aspectos da opressão vivida por suas gerações passadas, a marcação de um ritmo cheio de significação, a afirmação de sua ideia de identidade comunitária, principalmente quilombola, além das sustentações laterais de pertencimento a seu grupo de jovens. Parecem revelar, ainda, descompassos da cultura globalizada onde estão inseridos e/ou excluídos. Através do rap, por vezes realizam quase uma queixa do descompasso social em relação a seu ritmo, ou a denúncia da negação de significados locais que lhe inserem na sociedade. Através do rap marcam um ritmo que pedem para ser a marcação de sua fala, que pode então se compor de palavras que estão há muito para serem ditas.

### **“Você é você” – letra e análise**

Romero conta que se inspirou para escrever esta música ao observar um rapaz da comunidade que estava “dando uma de playboy pra pegar mulher” (em conversa sobre a canção em 2013). Poderemos observar que, para comportamentos que parecem performáticos no sentido de falsos, pelos jovens, estes são balizados pela opinião comunitária através da voz dos rappers, validando a opinião externa jovem que procura resituar o jovem despersonalizado – resgatando-o da imagem extrema deste jovem embriagado pela *hybris*.

Na minha quebrada eu já to desconfiado / Tem uns caras que só tão dando mancada  
Tão falando aquilo que não é / Tipo aqueles caras quando quer ‘catá’ mulher  
Falam que tem tudo, tudo que ele quiser / Tira onda com as coisas dos outros, como é  
que pode  
Não tem um lugar certo pra ‘amarra’ seu bode / Ele é pobre mas se acha rico  
Não fala com ninguém quando tá com seus amigos / Pessoas assim não sei onde vão  
parar

Logo de princípio a canção já nos coloca na cena – assistindo um rapaz se exibindo, típico de quem quer ser o maioral, mas que se mostra mais do que é e ignora os amigos.

Não é só aqui também tem em outro lugar / Eles estão espalhados por aí  
Jogando conversa fiada para quem quiser ouvir / Bate no peito e diz: “Eu sou o cara”  
Mas sai correndo na hora que o chicote estala / Depois volta dizendo que fez isso, aquilo  
outro  
Mas no seu proceder todo mundo tá de olho / Por aqui não tá convencendo mais  
ninguém  
Mas mesmo assim continua vem que vem / Esses dias um passou aqui num carro da  
hora  
Com uma mina do lado com o braço de fora / Tirando onda só que não é surfista  
Um dia ele toma um caixote dessa vida

O trecho nos revela que o fenômeno é conhecido de outras localidades, e que este comportamento é uma mentira - “eu sou o cara”. Observamos a violência incorporada na linguagem com o uso de expressões que são de ocorrências do período escravista brasileiro (na voz de um quilombola?), e se tornaram um dito popular para revelar um comportamento covarde: “sair correndo quando o chicote estala”. Ao mesmo tempo, quanto a esta expressão, entendemos que a resistência negra está fundamentada na sobrevivência ao sofrimento. Revelam, então, o destino moral da história de quem age diferente do que é, dominado pelo excesso e mentira: “um dia toma um caixote dessa vida”, significando uma rebordosa, revelando também a opinião comunitária para seu comportamento desmedido. Aqui entendemos aspectos da subjetividade jovem descomedida.

**Refrão: Não vem que não tem...não, / Não vem que não tem  
Você é você ou você não é ninguém**

Resumem no refrão: ser si mesmo ou ser ninguém, revelando a inutilidade da farsa.

Hei, não tente querer ser o que você não é / Dando uma de playboy pra pegar mulher  
Dizendo que tem carro e também dinheiro / Mas depende da mãe pra rodar com os  
parceiros  
Trabalhar não quer, vai vendo como é / Estudar também não, se liga Zé  
Pense em família e uma vida melhor / Pense em coisas boas, esquece o fumo e o pó  
Você tem que se orgulhar de você mesmo / Orgulho da sua raça, orgulho de ser negro  
Trabalhe e conquista o que você quiser / Seu carro, seu dinheiro e sua mulher  
Com seu trabalho você vai além / Você é você ou você não é ninguém / Refrão

Neste trecho já se dirigem diretamente ao sujeito em questão e, também, se pensarmos na dramatização do rap, ao público que o assiste, “Hei”, para que todos ouçam o conselho. Escancarando o que a comunidade já sabe sobre o descomedido, sua dependência financeira da mãe, o uso de drogas, chama-o de “Zé”, que é uma forma sincopada do “Zé Mané”, aquele que é tolo, burro. Propõem um caminho – sua autoestima pode ser resgatada através do orgulho próprio e da identidade negra -, e recomendam o caminho ‘certo’ para as conquistas. Este trecho revela facetas da subjetividade negra com seu efeito integrador.

Aí Nelhão olha aquele lá / Só fica com os caras pro B.O. segurar  
Se não fosse isso ele seria dispensado / Mesmo assim tá se achando o cara  
Tem muitos por aí se achando o melhor / Quando tá com seus amigos, vai vendo só  
Será que tem amigos só quando tem dinheiro? / Vai para os bares e gasta o tempo  
inteiro  
Com droga, bebida, mulher, é um absurdo / Quem olha pra ele é o cara mais feliz do  
mundo  
Felicidade que dura horas e alguns minutos / Porque chegando em casa sente falta de  
alguém  
De alguém que o ame e ele ame também / Nem parece nem dá pra acreditar

Que o homem de pedra também pode chorar / Alguns minutos atrás tava no bar tirando  
onda  
Se seus manos te ver assim eles se espantam / Então tem que mostrar uma pessoa que  
não é  
Porque senão vão te tirar de Zé / Veja bem, você não quer parar e ir mais além  
Se liga meu truta fuja da arapuça / Pensando que tá enganando os outros desse jeito  
Mas tá enganando a si mesmo / Será que é complicado viver assim?  
A qualquer momento a sua máscara pode cair / A inveja é como um barril que está  
vazando  
De pouco em pouco ele vai secando / Depois já era, desaparece  
E se vai pra o xadrez eles te esquecem / Não, eu não quero isso de você  
Seja você mesmo e venha viver / vem viver  
**Refrão**

Continuam a descrever os excessos do sujeito, desmascarando-o emocionalmente – sabem que ele sente falta de um amor genuíno. Explicam o contexto para a despersonalização: mostrar uma pessoa que não é para os falsos amigos que o usam. Este é o clímax da canção: “está enganando a si mesmo”, o que o encaminharia a um destino trágico: “o xadrez” e revela a importância dele para o grupo: “eu não quero isso de você”, mas querem que “você seja você mesmo”. Nesta parte final observa-se o contexto para a reflexão crítica, quando a subjetividade multicultural pode colocar em questão aspectos morais e éticos da conclusão da canção.

### **Subjetividade jovem**

Nesta particularidade, procuramos pensar as características da subjetividade jovem. Almeida (2006) escreve sobre a subjetividade jovem estar atravessada pelos “avanços tecnológicos”, que “podem ser entendidos como espécies de alavancas para remanejamentos e alterações das formações subjetivas contemporâneas subsumidas pelo cenário mais amplo da globalização econômica”. E assim revela certa dualidade, quando escreve “... ao mesmo tempo em que referências identitárias locais e fixas persistem, identidades globais flexíveis e móveis começam a produzir efeitos desestabilizadores e inquietantes” (pp.142,143).

Sobre a temporalidade, Pais (2006) escreve: “Nos tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as *setas do tempo linear* se cruzam com o enroscamento do *tempo cíclico*. Temporalidades ziguezagueantes e velozes [...]” (p.9). Assim, percebe que haveria entre os jovens “uma forte orientação para o presente” (p.10). Escrevendo, então, sobre a presentificação do tempo, encontramos em Jeammet (2005): há um “prolongamento da adolescência” (p.22), e sobre a causalidade na qualidade dos vínculos emocionais parentais aponta que “A criança sustenta os pais, os pais sustentam a criança em relações de dependência.” (p.24)

Segundo Jeammet (2005), a ausência de ritos configura as relações expressas pelos jovens nos dias de hoje, quando “há o desaparecimento progressivo de tudo o que poderia ter valor de ritos de passagem entre esses dois mundos [jovem e adulto]” e que estaria

então “[...] garantindo a inserção firme e definitiva da ex-criança no mundo dos adultos, reduzindo assim o tempo da adolescência ao do rito de passagem.” (p.25)

Jeammet (2005) entende os ritos de iniciação como se situando “nas fronteiras do individual, corporal e psicológico e do social” (p.34) e “a função do rito se assemelharia à do mito e seria uma maneira de uma dada cultura prestar contas das relações paradoxais de realidade, feitas de contradições situadas em planos diferentes” (p.36). Esse enfraquecimento recente das fronteiras e o desaparecimento de todo obstáculo, tendo função de rito, permite ao adolescente fazer sua prova através de uma provação, [...] Esta ausência de confronto arrisca deixá-lo com um sentimento de profunda solidão e desvalorização.” (p.35)

Nos aspectos mais subjetivos das defesas contra a angústia adolescente e pensando a cultura jovem de hoje como marcada por ritualizações, inclusive quanto à necessidade de correr riscos, nos informa Pais: “Há ritualizações associadas aos afetos e à sexualidade que produzem, entre os jovens, uma mediação entre desejos, angústias e desilusões.” (2006, p.9).

## **Subjetividade negra**

*A arte, cultura e educação são consideradas elementos de fundamental importância no processo de desenvolvimento local sustentável, pois reafirma a identidade étnica do grupo, e resgata valores ancestrais ameaçados pelo modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade atual. (Release\_RN-Realidade Negra.pdf – Foxit Reader, s/d, p.2)*

Neste recorte, procuramos ver o apelo à identidade negra como estabilizadora para a fluidez jovem. Mais do que resgate de autoestima, a particularidade desta subjetividade é o sentimento de pertencimento a um agrupamento, uma comunidade, que determina seus valores, e o protege de movimentos racistas a partir de seus liames com o grupo, ultrapassando a condição de escravizado no contexto histórico brasileiro.

Mezan (2002) nos esclarece sobre a subjetividade em relação ao contexto histórico, mencionando o escravo:

Pensemos no que poderia ter sido a subjetividade de um escravo: enquanto existiu a escravidão, [...] uma das modalidades possíveis aos seres humanos era essa. Ela comportaria certos elementos comuns, derivados da condição de subjugação, e certos elementos específicos, próprios a cada cultura ou época [...]. Mas, com a extinção do instituto jurídico da escravidão, a possibilidade de uma ‘subjetividade de escravo’, no sentido de uma forma peculiar da experiência de si, deixou de ser efetiva, e não porque seja impossível em si ou contraditória, mas porque as condições que a tornavam viável cessaram de existir.” (p. 260)

Mesmo sem a continuidade da instituição jurídica da escravidão, Carril, em seus estudos sobre a periferia, esclarece que “a exploração do trabalho, a ausência do emprego, as escolas públicas que mal preparam, as doenças, a falta de saneamento, a perseguição policial, os tiros da polícia e dos traficantes e a morte revelam as permanências do processo histórico” (2006, p.185). Segundo Souza,

A sombra escravista permite meditar sobre algo mais do que a origem da distribuição desigual das riquezas na sociedade de classes. A tortura persistente, a insuficiência de pesquisas sobre a subjetividade dos grupos oprimidos, a violência repressiva, a resistência ao desvendamento do passado histórico, são só alguns exemplos. (2014, p.5)

Por sua vez, Silva (2011), acerca das políticas de avaliação (escolar) no Brasil, escreve que

A dominação dos homens, uns sobre os outros, mesmo quando a dominação não é mais necessária, só pode ser entendida pela introjeção da dominação pelo sujeito e por um sistema que faz com que o indivíduo acredite que essa é a única realidade possível. (p.38)

É através do preconceito e subjugação do outro que permanências históricas se fortalecem, entendendo-se a partir do olhar do outro (Souza, 2012) como inferior e assim perpetuando privilégios. O racismo é uma das formas de humilhação social que impossibilita o outro de sair da situação imposta pelo outro. Costa (2012), a respeito das desigualdades materiais e simbólicas, escreve:

O racismo, por assim dizer, estrutura o estado brasileiro. Ele é um dos principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas vividas pelo povo brasileiro. Ele estrutura as condições e possibilidades de trabalho, de estudo, de vínculo (incluindo o casamento e os vínculos amistosos), de liberdade, de lugar (ou não lugar) onde morar, a forma de morrer, etc (p.17)

A noção da subjetividade negra, entendida como identidade negra porque pertencente a um grupo, possui um efeito restaurador para dores sofridas por toda uma comunidade. Entretanto, para além de identidades rígidas, encontramos a proposta de Canen (s/d, p.92) para o multiculturalismo: “se o multiculturalismo pretende contribuir para uma educação valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar as identidades e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças.”

### **Subjetividades multiculturais**

Estamos entendendo as subjetividades multiculturais como aquelas que se posicionam de forma crítica em relação ao entorno. Ela se apresenta como uma identidade cultural, em movimento, que avalia e situa as questões globais e singulares endereçadas a sua

particularidades. Segundo Silva e Brandim (2008), “O multiculturalismo crítico levanta a bandeira da pluralidade de identidades culturais, a heterogeneidade como marca de cada grupo e opõe-se à padronização e uniformização definidas e impostas pelos grupos dominantes.” (p.64)

#### No multiculturalismo crítico

o questionamento da construção dos preconceitos e das diferenças é o foco do trabalho. [...] para além das estratégias e visões do multiculturalismo crítico, a perspectiva pós-colonial e pós-moderna do multiculturalismo busca ‘descolonizar’ os discursos. O cerne do multiculturalismo crítico, em sua versão pós-colonial é, portanto, o desafio à naturalidade com que normas e diferenças se apresentam na sociedade (Canen, s/d, p.93,94,97)

Concordamos com Canen (s/d) a propósito do multiculturalismo na educação:

O multiculturalismo como horizonte de trabalho docente [reforça] estratégias que valorizem as identidades, desafiam a construção dos estereótipos e recusam-se a congelar o ‘outro. (p.105)

#### Considerações

Assim Souza (2012) nos ajuda a pensar a situação de caos da *hybris* adolescente na escola: “Se Freud podia dizer que apesar da educação, a barbárie pode vingar; nós podemos acrescentar: sim, mas sem a educação, então, fatalmente, a barbárie.” (2012, p.57)

Deste modo, entendemos que aproximar o professor de estratégias de trabalho que contemplem as expressões jovens pode criar espaços de opiniões e reflexões críticas a respeito das idiosincrasias que têm atravessado as subjetividades atuais, principalmente em suas particularidades jovem, negra e multicultural.

#### Referências

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. ‘Zoar’ e ‘Ficar’: Novos Termos da Sociabilidade Jovem. In: ALMEIDA, M.I.M; EUGENIO, F. (orgs) *Culturas Jovens: novos mapas do afeto* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CANEN, Ana. O Multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. *Comunicação & Política. Dossiê Educação e Desenvolvimento*. V.25, no.2, pp.91-107, s/d (2006?).
- CARRIL, Lourdes. *Quilombo, favela e periferia – a longa busca de cidadania*, São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006.
- COSTA, Eliane Silvia. *Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo no Vale do Ribeira* Tese de doutorado Instituto de Psicologia da USP - 2012
- FERRARI, Armando Bianco. *Adolescência, o Segundo Desafio: considerações psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. 228p.
- JEAMMET, Phillippe *Novas Problemáticas da Adolescência: evolução e manejo da dependência*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- PAIS, José Machado *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis* in *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- SILVA, Paula Nascimento da. Limites da Formação: pensando políticas de avaliação no Brasil, in AMARAL, M.; SOUZA, M.C.C.C. de (orgs.) in *Educação Pública nas Metrópolis Brasileiras: impasses e novos desenlaces*, Jundiaí, SP: Paço Editorial; São Paulo: Edusp, 2011.

SILVA, M.J.A.; BRANDIM, M.R.L. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. *Diversa*: Ano I, nº 1, pp. 51-66, jan./jun. 2008

Souza, M. C. C. C. A escola brasileira, a lei e o laço Social. *Revista Educação - Biblioteca do Professor*, Ed. Segmento 2012 p. 48-57

SOUZA, M. C. C. C. O medo de que os negros entrem na escola: a recusa do direito à educação no Brasil. *Revista da ABPN*, América do Norte, 6, fev. 2014. 20p. Disponível em: [HTTP://www.abpn.org.br/revista/index/edicoes/article/view/414/288](http://www.abpn.org.br/revista/index/edicoes/article/view/414/288). Acesso em: 11 Mar, 2014.

**Referência de áudio:**

CD do grupo de rappers “Realidade Negra, É prus guerreiro a missão, ao vivo”, novembro de 2009.